

## JOPARA: A LINGUA GERAL PARAGUAIA

Hildo Honório do Couto  
Universidade de Brasília

Embora não se trate de um crioulo ibérico propriamente dito, a questão da *língua geral* resultou de modificações que o guarani e/ou o tupi sofreu no contato com o português e/ou o espanhol. Está, portanto, em pé de igualdade com a *media lengua* do Equador, estudada pelo crioulista Pieter Muysken (cf. MUYSKEN 1981). Por isso é inteiramente legítimo que o assunto seja discutido nas páginas de nossa revista. Aliás, a língua geral já foi objeto de um estudo histórico em PAPIA (cf. ROSA 1993). Como salientou Aryon Dall'Igna Rodrigues, o maior conhecedor do assunto no Brasil, as "línguas gerais" — para ele há mais de uma (cf. RODRIGUES 1986) — resultaram de uma aproximação do tupi-guarani ao português ou ao espanhol. Em RODRIGUES (1992) ele demonstra como a estrutura da língua geral da Amazônia — também conhecida como *nheengatu* — se aproxima cada vez mais da do português. Diante de tudo isso, achei que seria de bom alvitre trazer à discussão dos ibero-crioulistas um assunto que, aliás, faz parte da proposta inicial de PAPIA. Ou seja, gostaria de reproduzir o que apresentei na parte inicial de minha tese de doutorado, defendida no Instituto de Fonética da Universidade de Colônia (Alemanha), em 1978, sobre a língua geral paraguaia, mais conhecida localmente como *jopará* (cf. COUTO 1978: 41-58).

Independentemente disso, o assunto é de grande interesse para o crioulista em geral. A tal ponto que já REINECKE (1937: 691-702) dedicara uma seção inteira à língua geral colonial brasileira (cf. ROSA 1993). A monumental *Bibliography of pidgin and creole languages* (Honolulu: University Press of Hawaii, 1975), organizada pelo próprio Reinecke em conjunto com S. M. Tsuzaki, D. DeCamp, I. Hancock e R. E. Wood, também a contempla. Por fim, o também monumental HOLM (1989: 605-606) lhe dedica uma seção. Vejamos então o que vem a ser a língua geral paraguaia, ou *jopará*.

Como sabemos, no Paraguai são faladas duas línguas majoritárias, ou seja, o guarani e o espanhol, além de línguas minoritárias. Para descrever essa situação, tem-se empregado o conceito de "bilingüismo" (RUBIN 1968) ou o de "diglossia". No entanto, um dos maiores conhecedores da situação sociolinguística paraguaia, Bartomeu Meliá, não aceita nenhuma das duas

designações (MELIÁ 1974: 31-32). Como já dá a entender o próprio título de seu ensaio, na realidade esta língua geral, ou melhor, o *jopará* já é praticamente uma "tercera lengua". Trata-se de uma "lengua mesclada", produto da interpenetração entre guarani e espanhol, mais do segundo para o primeiro. O próprio termo "*jopará*" em guarani quer dizer "mescla". Com isso estamos em pleno domínio de interesse dos crioulistas — aliás, Meliá chega a empregar o termo "*criollo*" (MELIÁ 1974: 59), embora sem necessariamente chamar o *jopará* de crioulo. O autor emprega também o termo híbrido *guarañol*, o que por si só já é altamente significativo.

Segundo Meliá, o que há na realidade é um continuum lingüístico que vai desde o espanhol padrão até o guarani "puro", "signado con el signo de lo tradicional y de lo arcaico", passando por diversos interletos, ou seja, um guarani acastelhanado e uma variedade de guarani menos acastelhanado (MELIÁ 1974: 58, 61, 65, 67 et passim). Isso lembra muito o continuum existente em praticamente todas regiões crioulófonas.

Segundo Meliá, o *jopará* resulta de uma castelhanização do guarani, fato que se iniciara já no período colonial. Assim, em 1758 Cardiel lamentava o fato de que a expressão espanhola (1) era reproduzida em guarani ("lengua tan corrupta") como (2) e não como deveria ser (3).

- (1) Ea, pués, cumplid los mandamientos de la ley de Dios, porque si no los cumplís, os condenaréis al infierno;
- (2) Neipe cumplí que los mandamientos de la ley de Dios, porque pecumplí ei ramo, peñe condenane a los infiernos;
- (3) Eneique pemboaié Tupañande quaita, pemboaié ey ramo, nia añaretame iquaipiramo peicomburune (MELIÁ 1974: 58-59).

O missionário austríaco M. Dobrizhoffer dizia em 1783 que "los españoles corrompían miserablemente la lengua india y las indias la española. Así nació una tercera o sea la que usan hoy en día" (apud MELIÁ 1974: 59). Por outras palavras, "el *jopará* es el guaraní históricamente hispanizado" (p. 66), sendo a única língua que define a intimidade do paraguaio. Atualmente, a situação é a mesma, mas de modo mais acirrado, pois "la 'tercera lengua' de hecho se está hispanizando cada día más, porque son más los hablantes que salen del uso casi exclusivo de lo coloquial rural, donde el guaraní mantenía gran parte de su coherencia" (MELIÁ 1974: 69). Por fim, "esta 'tercera lengua' no hay que tomarla como denominación abstracta, sino como referencia a un *continuum* actualmente poco normado que se inscribe en un horizonte de contornos gradualmente variables" (MELIÁ 1974: 70).

Em suma, o guarani está associado com o Paraguai voltado para si mesmo, sobretudo em suas variedades rurais, mais conservadoras, ao passo que espanhol é o Paraguai voltado para o mundo exterior. No meio de ambos, ao longo de um continuum está o jopará, o verdadeiro guarani atual, pois "es este jopará lo que define el perfil lingüístico del Paraguay", ele é "la lengua habitual". Vê-se, portanto, que o jopará apresenta basicamente as características do nheengatu, mencionado acima, ou seja, de uma língua geral.

As influências do espanhol sobre o guarani se dão a todos os níveis. Em primeiro lugar, podemos citar o nível semântico. Em (4) temos alguns exemplos de formas guaranis que passaram a se associar a conteúdos espanhóis.

(4)	forma	significado antigo	significado atual
	jagwa	'jaguar'	'cachorro'
	oga	'oca'	'casa'
	porã	'bonito'	'bom, bonito'
	tupã	'deidade'	'Deus'

Houve também uma grande profusão de empréstimo de forma e conteúdo ao mesmo tempo, como se vê em (5).

(5)	guarani	espanhol	tradução
	mburika	borrica	'burro'
	sapatu	zapato	'sapato'
	mbakame	vaca	'vaca'
	kurusu	cruz	'cruz'

A nível fonético-fonológico as influências são bem marcantes. A primeira que salta à vista é a introdução do fonema /l/ em empréstimos como 'lo' (artigo: o, a), 'lembu' (escaravelho), 'lima' (lima). Uma outra é a complexificação da estrutura silábica, que em guarani tradicional era basicamente CV (cf. a adaptação de "cruz"l). No jopará pode ocorrer sílaba do tipo CCV (Pedro, gracia), CVC (cuaderno), etc (cf. MELIÁ et al. 1970).

Mesmo a nível sintático nota-se toda uma série de influências do espanhol. A parte (b) de (6) está nesse caso. O mesmo se dá com (7a,b), por oposição a (8a,b), que seria a maneira de se dizer em guarani "puro" (GUASCH 1956: 316-318).

- (6) (a) Mba'e i <sup>v</sup>šapa 'como vai?'  
 (b) Še porã. Ha nde? 'Você bem. E você?'

- (7) (a) ognata vaí 'ele está mal'  
 (b) opuka hegui 'ele caçoa dele'

- (8) (a) oiko vai  
 (b) opuka <sup>v</sup>šerehe

É bem verdade que há influências do guarani sobre o espanhol também. GUASCH (1956: 316) alinha os seguintes casos:

-uso desnecessário ou falso do pronome possessivo:

- (9) (a) 'tocamos con nuestras manos' em vez de 'tocamos con las manos';  
 (b) 'rompió en su pierna' em vez de 'se rompió la pierna'

-uso do adjetivo grande e do advérbio demasiado:

- (10) (a) 'llovió grande' em vez de 'llovió mucho'  
 (b) 'demasiado quiero esto' em vez de 'deseo esto mucho'

Os seguintes exemplos foram acrescentados em COUTO (1978: 52-53):

-tendência à queda do /s/ posvocálico:

- (11) (a) 'lo hombre' em vez de 'los hombres'  
 (b) 'Epaña' em vez de "Espanña"

-Substituição de [y] como [dž]:

- (12) [džo] < [yo], [paragwadžo] < [paragwayo]

-tendência de /tr, dr/ virarem [tš, dš], como em "quatro" e "Pedro".

-tendência à fricativização de /r/, como em "carro" (sibilante fricativa surda) (cf. MALMBERG 1971: 439-449).

Essas influências no sentido guarani > espanhol produzem o interleto do continuum que poderia ser chamado de "espanhol aguaranizado", que seria a variedade de espanhol que se aproxima do jopará. Às vezes fica difícil

decidir se determinada expressão pertence a essa variedade de espanhol ou ao jopará, devido ao caráter do continuum mencionado acima.

Enfim, há reações ao uso cada vez mais generalizado da "tercera lengua", "guarañol" ou jopará, isto é, a língua mista paraguaia que resultou basicamente de um acastelhanamento do guarani antigo. É o caso de GUASCH (1956: 10) que afirma que "nos hace un favor quienquiera que contribuya a purificar nuestra lengua del feo jopará... Cómo nos gusta oír el guaraní auténtico, puro y castizo!". Tanto que ele descreve uma língua que nenhum paraguaio usaria hoje em dia, uma língua idealizada, forjando modos de contar até "un undecillón" (o correto de acordo com a origem latina seria "undecillón"), ou seja, "petei ny". Como se sabe, o guarani antigo só contava até 4 (petei, mokõi, mbohapi, irundi). A partir daí, os falantes do guarani urbano atual, isto é, do jopará, usam "cinco, seys, siete, ocho....".

Vê-se, portanto, que o jopará apresenta toda uma série de fenômenos de interesse para o crioulista, todos eles caudatários do fato de ele ser uma língua mista. Espero que esta pequena nota chame a atenção dos colegas sobre esta língua geral paraguaia.

## BIBLIOGRAFIA

- COUTO, Hildo Honório do. 1978. Das Konsonantensystem des Guarani. Universität zu Köln.
- GUASCH, P<sup>c</sup> Antonio. 1956. El idioma guaraní. Gramática y antología de prosa y verso. Assunção: Casa América — Morenos Hermanos, 3<sup>a</sup> ed.
- HOLM, John. 1989. Pidgins and creoles. Cambridge: Cambridge University Press, vol. II.
- MALMBERG, B. 1971. Notas sobre la fonética del español en el Paraguay. Phonétique générale et romane 439-449.
- MELLÁ, Bartomeu. 1974. Hacia una 'tercera lengua' en el Paraguay. Estudios paraguayos vol. II, n<sup>o</sup> 2.31-71.
- & PEREZ, A. & FARRÉ, L. 1970. El guaraní a su alcance. Assunção: Ediciones Loyola.
- MUYSKEN, Pieter. 1981. Halfway between Quechua and Spanish: The case for relexification. In: HIGHFIELD/VALDMAN (orgs). Historicity and variation in creole studies. Ann Arbor: Karoma Publishers.
- PLÁ, Josefina. 1974. La literatura paraguaya en una situación de bilingüismo. Estudios paraguayos vol. II, n<sup>o</sup> 2. 5-30.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1986. Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola.

----- 1992. A língua geral amazônica e o português. Palestra proferida na Universidade de Brasília, em 11/9/1992.

ROSA, Maria Carlota. 1993. Descrições missionárias de língua geral nos séculos XVI-XVII: Que descreveram? *Papia* 2, 1.85-98.

RUBIN, Joan. 1968. Bilingual usage in Paraguay. In: FISHMAN, J. (org). *Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, p. 512-520.